

Lições fora da sala de aula: algumas possibilidades de aprendizado junto à natureza

Autores:

Andréa Haddad Barbosa

Doutora em Educação, professora da Universidade Estadual de Londrina-PR, integrante do Laboratório dos Anos Iniciais (LAI)

Loamy Magri Chalupa

Graduanda em Pedagogia, Universidade Estadual de Londrina. Integrante do LAI

Gabrielly Banzato do Nascimento

Graduanda em Pedagogia, Universidade Estadual de Londrina. Integrante do LAI

Jaqueline Sgarbossa de Carvalho

Especialista em Língua Portuguesa, professora da Rede Municipal de Ensino

DOI: 10.58203/Licuri.83097

Como citar este capítulo:

BARBOSA, Andréa Haddad et al. Lições fora da sala de aula: algumas possibilidades de aprendizado junto à natureza. In: MEDEIROS, Janiara de Lima (Org.). **Ensino e Educação: contextos e vivências**. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 213-226. v. 2.

ISBN: 978-65-999183-2-2

Resumo

Este texto busca traçar algumas reflexões sobre a importância de viver em espaços naturais e de conectar-se a eles. Além disso, compartilhar as análises de um conjunto de oficinas que foram oportunizadas a crianças do segundo ano do Ensino Fundamental, em uma instituição municipal de Londrina. O objetivo foi o de promover atividades em contato com a natureza presente na própria escola e em seu entorno e, a partir disso, promover um trabalho interdisciplinar envolvendo as áreas de Ciências, Artes e Língua Portuguesa e, transdisciplinarmente, a Educação Ambiental. Em decorrência desses encontros, a proposta era observar e analisar o comportamento infantil e a sua relação com os conteúdos escolares. O olhar em relação aos encontros/oficinas partiu do entendimento de que a escola é um lugar essencial para promover a conexão da criança com os espaços livres e a natureza que a circunda, pois o contexto sociofamiliar, muitas vezes, não favorece essa conexão de forma mais qualitativa. Como resultados, pudemos perceber o engajamento das crianças nas atividades propostas e o interesse delas aos temas ligados ao ambiente natural e, conseqüentemente, aos conteúdos e atividades escolares, que passaram a ter mais sentido e significado para elas.

Palavras-chave: Anos Iniciais do Ensino Fundamental; Educação Ambiental; Interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

Há uma concentração, cada vez maior, de pessoas vivendo em áreas urbanas não só no Brasil, mas em várias partes do mundo. As cidades se configuram de formas diferentes e, até dentro da mesma cidade, é possível encontrar espaços onde há carência de áreas verdes e outros em que os elementos da natureza aparecem de forma mais evidente e significativa (TIRIBA; PROFICE, 2019). O ritmo frenético da vida das pessoas, a violência e, de certa forma, a nossa própria cultura tem contribuído para o distanciamento das pessoas de vivências em espaços naturais.

Nesse contexto, crianças podem estar cada vez mais distantes de atividades ao livre e de uma vivência em conexão com a natureza. Para as autoras, parte das crianças e dos jovens vive “emparedada”, isto é, eles passam muito do seu tempo em salas de aula, dentro de suas casas e, mesmo em momentos de lazer, optam por se divertir em redes sociais, com jogos e aplicativos, ou na televisão, nos celulares e *tablets*. O mundo fascinante das interações virtuais está presente no universo infanto-juvenil. Ainda não há um distanciamento espaço-temporal para avaliar as consequências desse estilo de vida ao longo da existência das pessoas. Estudos recentes (CHAWLA, 2015; 2020, entre outros), porém, já apontam que o distanciamento do contato com a natureza pode ter implicações negativas.

Sabe-se que o desenvolvimento infantil envolve dimensões biopsicossociais e é diretamente afetado pelo ambiente e pela cultura nos quais a criança está inserida. Sob essa premissa, acredita-se na importância do contato com a natureza para o desenvolvimento infantil e considera-se que essa conexão pode ser explorada e oportunizada também no âmbito da escola e no seu entorno, contribuindo de forma significativa com a Educação Ambiental.

Em vista disso, este texto busca traçar algumas reflexões sobre a importância de viver em espaços naturais e de conectar-se a eles. Além disso, compartilhar as análises de um conjunto de oficinas que foram oportunizadas a crianças do segundo ano do Ensino Fundamental, em uma instituição municipal de Londrina. O objetivo foi o de promover atividades em contato com a natureza presente na própria escola e em seu entorno e, a partir disso, promover um trabalho interdisciplinar envolvendo as áreas de Ciências, Artes e Língua Portuguesa e, transdisciplinarmente, a Educação Ambiental. Em decorrência

desses encontros, a proposta era observar e analisar o comportamento infantil e a sua relação com os conteúdos escolares.

O olhar em relação aos encontros/oficinas partiu do entendimento de que a escola é um lugar essencial para promover a conexão da criança com os espaços livres e a natureza que a circunda, pois o contexto sociofamiliar, muitas vezes, não favorece essa conexão de forma mais qualitativa.

NATUREZA, LUGAR DE PERTENCER

A necessidade de ter vivências que o coloquem em contato com a natureza, talvez seja algo inerente ao ser humano por ele ser uma das espécies presentes no planeta, é o que argumenta Tiriba (2018). Isto é, ele faz parte da natureza, assim como os outros seres vivos e elementos naturais, e o contato com ela pode conectá-lo a sentimentos de bem-estar (CHAWLA, 2015; 2020, entre outros). Algumas autoras apontam que essa vivência não representa algo acessório, mas uma condição essencial para vida humana quando se pensa em atribuir a ela maior qualidade. Reforçam, ainda, que deve ser vivenciada, incentivada e promovida desde a infância (TIRIBA, 2018; TIRIBA; PROFICE, 2019; BARROS, 2018, CHAWLA, 2020).

Segundo Louv (2016, p. 23), “Hoje as crianças têm noção das ameaças globais ao meio ambiente, mas seu contato físico, sua intimidade com a natureza, está diminuindo”. As experiências com a natureza têm se configurado mais no campo da abstração (conceitos) do que na realidade vivida para essa nova geração. O autor argumenta que se vive em uma sociedade de livre acesso às informações, e saber dos problemas das queimadas na floresta Amazônica, da poluição dos rios e mares é algo presente nos contextos escolares e familiares das crianças. No entanto, vivenciar uma trilha na mata, brincar ao ar livre, ir a cachoeiras ou explorar um campo não se caracteriza como algo cotidiano ou até mesmo familiar para um bom número de crianças.

O distanciamento entre as crianças e a natureza se mostra como uma das marcas da crise da sociedade atual. Sua relação com o contributo do desenvolvimento integral das crianças tem deixado de ser parte essencial da infância. Isso evidencia uma desconexão marcada, principalmente, em contextos urbanos, em que essa carência acontece de forma mais expressiva e é perceptível devido a, cada vez mais, as crianças estarem vivenciando

espaços que as distanciam do mundo natural, e, quando o têm, muitas vezes, há pouca conexão ou falta-lhes interesse para explorá-lo.

Louv (2016) costuma utilizar uma expressão que denominou de “Transtorno do Déficit de Natureza” e chama a atenção para as consequências desse distanciamento que atingem principalmente as crianças. Nessa perspectiva, Barros (2018) esclarece que não se trata de um conceito da medicina, mas essa foi a forma que o autor encontrou para dar destaque e uma certa urgência a essa questão que se apresenta na sociedade e que pode ter consequências negativas quando se pensa em qualidade de vida, afetando principalmente as crianças. Barros (2018) e Chawla (2015; 2020) alertam para um conjunto de efeitos negativos que podem ser causados pela falta de tal relação.

A importância dessa conexão dos seres humanos com a natureza vai muito além do sentimento de bem-estar que ela pode ocasionar. Quando se pensa em atitudes de cuidado e de preservação ambiental, é importante considerar a qualidade dessas vivências. Chawla (2020) realizou um minucioso levantamento de pesquisas que abordavam a relação da criança, do jovem e do adulto com o ambiente natural. Um dos aspectos de convergência nos estudos foi que as experiências de contato com a natureza na infância contribuem, de forma significativa, na adoção de comportamentos proativos com o meio ambiente e podem influenciar até mesmo a vida adulta.

Outro fato relatado pela autora é a importância das conexões com a natureza que envolvam aspectos emocionais positivos, pois essas vivências podem gerar sentimentos de bem-estar, de pertencimento, de satisfação e, em alguma medida, podem promover melhora na qualidade de vida das pessoas. Tal condição pode gerar afeição ou estima por um lugar específico e até levar o indivíduo a ações de proteção e de cuidado com esse espaço. Não é raro encontrar exemplos de pessoas que, espontaneamente, cuidam de praças e de outros espaços públicos. Uma ação despretensiosa, muitas vezes, um impulso natural que revela o sentimento de pertencimento a determinado espaço. Vale ressaltar que as situações de vivências e de conexão com a natureza são benéficas em todas as idades, mas a infância é um tempo importante para construir uma conexão mais sólida.

Segundo Barros (2018), o contato com a natureza é essencial para o desenvolvimento infantil. Sua presença permite que um novo olhar sobre a existência humana seja formado, alcançando os valores éticos, morais e sociais dos seres humanos. A autora revela que o convívio com a natureza tem grandes benefícios para a infância, desenvolvendo o bem-estar físico, emocional e social das crianças. Tal relação abre caminho para construir o

senso de pertencimento ao ambiente em que se vive, bem como para que a natureza seja parte importante desse ambiente; não mais um acessório, mas um elemento fundamental para a existência. Isso implica que o convívio com a natureza é essencial para a formação da criança, pois possibilita a construção de ações mais conscientes e críticas perante o mundo.

A conexão da criança com a natureza pode ajudar a estimular a criatividade, a iniciativa, a autoconfiança, a capacidade de escolhas, o convívio social e favorecer um bem-estar físico e mental (CHAWLA, 2015, 2020). Desse modo, fica perceptível que o vínculo com a natureza precisa fazer parte da construção social da criança, de modo que ela desenvolva o sentimento de pertença ao ambiente de que faz parte (BARROS, 2018).

O contato com o ambiente e com seus seres vivos é chamado, por alguns autores, de condição biofílica. Para eles, esse aspecto é considerado fundamental para o desenvolvimento das crianças. A biofilia pode ser entendida como “[...] uma condição humana que faz as pessoas se sentirem afiliadas à natureza e que induz à busca de relação com os demais seres vivos e processos naturais” (WILSON, 1984, apud TIRIBA; PROFICE, 2019). Embora o termo biofilia seja motivo de polêmica devido a diferentes interpretações, entende-se como uma ligação emocional, afetiva e de pertencimento à natureza e aos seus elementos. No sentido etimológico, *bio* significa vida e *philia* pode ser entendido como amor e afeição. O termo, “ao pé da letra”, pode ser interpretado como amor à vida.

Essas conexões envolvidas por uma dimensão emocional podem ter potencial de alavancar mudanças sociais em direção ao respeito e ao cuidado com a natureza, e a infância é um momento oportuno para construir e despertar tais sentimentos (CHAWLA, 2020). Segundo Tiriba e Profice (2019), o sentimento de pertencimento nasce dos bons encontros. As autoras tecem suas reflexões com base em algumas ideias do filósofo Baruch Espinoza, das quais destacam que os seres humanos afetam e são afetados por suas experiências que se dão por meio da conexão e do encontro com o outro. Os bons encontros acontecem quando se está com alguém ou alguma coisa que fortalece, alegra ou potencializa. Com base nessas premissas, as autoras enfatizam que é visível a alegria, o contentamento das crianças nos espaços livres, a sua curiosidade e atração pelo mundo natural.

[...] alegria que as crianças demonstram em espaços ao ar livre, em contato com elementos do ambiente natural, revela a sensação de plenitude biofílica, o sentido de nossa intervenção é o de defender a proximidade como direito humano, pois, na perspectiva espinosana que vimos defendendo, os humanos, como os demais seres, afetam e são afetados pelo universo circundante (TIRIBA; PROFICE, 2019, p. 10).

O sentimento de pertencimento ao mundo natural envolve muito mais do que compreender a sua importância de forma apenas racional, é preciso que o contato com ele se transforme num bom encontro, que alegra e que potencializa. É preciso formar vínculos. O contexto cultural e o histórico podem ser elementos que promovem ou inibem esse sentimento. Nessa perspectiva, tanto a família quanto a escola possuem um papel importante na promoção qualitativa dessa conexão.

As pessoas se desenvolvem de acordo com os espaços em que crescem ou são inseridas e, automaticamente, buscam o prazer durante o processo de desenvolvimento. Diante disso, é importante que as crianças cresçam em ambientes que potencializam seu contato com a natureza, criando uma relação que construirá vivências e experiências entre o sujeito e o espaço.

A natureza oferece elementos como água, terra, areia, galhos, pedras, entre outros, que atraem as crianças. A interação da criança com esses elementos pode acontecer de forma significativa, que possibilita um encontro de aprendizado e alegria. Em razão de as crianças ainda estarem conhecendo novos ambientes, é importante que explorem a natureza sem intervenção, pois “elas, em seu devir, conhecem sem mapas. Vão traçando-os no percorrer do caminho, no qual os encontros que acontecem deixam nelas suas marcas” (DELEUZE, 1997; PROFICE; PINHEIRO, 2009, apud TIRIBA; PROFICE, 2019).

Tiriba e Profice (2019) trazem o conceito de biofilia como uma forma de revelar o sentimento de pertencimento à natureza, reforçam que parte das crianças do mundo urbano tem o acesso a fauna e flora limitados, diferente das que crescem no mundo rural. Essa diferença do cotidiano faz com que o sentimento das crianças urbanas precise ser trabalhado de forma que elas desfrutem mais da natureza para que a ideia de pertencimento não desapareça. No texto das autoras, há relatos de crianças indígenas e nova-iorquinas que reforçam essa condição biofílica, ou a falta dela, que gera impactos na saúde e no bem-estar das crianças. “Assim, para ambas, a natureza é a própria vida,

sã e/ou adoentada.” (TIRIBA; PROFICE. 2019, p. 15). Na pesquisa realizada pelas autoras, não houve diferença significativa entre as crianças indígenas e nova-iorquinas, 73% da amostra revelou que ambas nutrem bons sentimentos em relação a natureza.

Algumas pesquisas recentes e, até mesmo mais antigas, reforçam a importância da conexão das crianças com a natureza como algo essencial para a qualidade de vida, para o desenvolvimento biopsicossocial e, também, para a compreensão crítica e o fortalecimento de ações de cuidado com o planeta.

Na década de 1970, Kevin Lynch realizou um amplo estudo das percepções de crianças e de adolescentes sobre como vivenciavam, pensavam e sentiam seus espaços, tais como a casa, a escola, os parques, o centro da cidade e outros. A pesquisa envolveu um público de quatro países diferentes: Argentina, México, Austrália e Polônia. O estudo apresentou resultados amplos, e um dos aspectos mencionados reforçou a importância de os espaços verdes serem considerados algo essencial na infraestrutura básica de cidades, não algo acessório. A defesa do autor é de que os espaços livres nas cidades devem ser seguros e acessíveis para a recreação infantil (LYNCH, 1977). Embora seja uma pesquisa antiga, a importância do acesso das crianças aos espaços verdes urbanos já era considerada uma necessidade pelo pesquisador.

Um estudo mais recente, o mapeamento de pesquisas realizado por Chawla (2020), indicou que o fato de alguns adultos possuírem maior conexão com a natureza está relacionado com as vivências na infância. A autora ressalta a importância de a família incentivar essa conexão, pois pode aumentar os sentimentos de pertencimento das crianças ao mundo natural. Entretanto, o inverso também pode ser verdadeiro. Quando não há essa valorização e não se proporcionam vivências significativas para as crianças com o mundo natural, pode ocorrer um distanciamento dessa importante ligação.

Outra pesquisa, realizada por Kharod e Arreguín-Anderson (2018), documentou a mudança dos sentimentos de aversão a elementos da natureza para sentimentos de afeição em crianças em idade pré-escolar. O estudo elencou dois aspectos primordiais que justificaram tal mudança: as interações sociais e as experiências diretas das crianças com elementos naturais, que foram imbuídas por um currículo escolar que priorizava uma ética do cuidado e de experiências do brincar.

Foram destacadas algumas pesquisas que evidenciaram a importância da conexão da criança com a natureza, vivência que não é apenas acessória, mas essencial. Acredita-se

que tal encontro é, de certa forma, responsabilidade da sociedade como um todo, mas a família e a escola podem ter um papel decisivo.

A FAVOR DE ESCOLAS MAIS VERDES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Neste texto, destaca-se a importância da conexão da criança com a natureza e parte-se da hipótese de que tal conexão é fundamental na formação humana e, de certa forma, imprescindível quando se fala em Educação Ambiental na infância. Acredita-se que a escola pode ser um espaço mais verde, independentemente da quantidade de elementos naturais disponíveis em seu território.

As oficinas de Educação Ambiental (EA) aconteceram em uma escola municipal com uma turma do segundo ano do Ensino Fundamental, um grupo de 25 crianças, em um total de sete encontros. A proposta teve como fundamento a vivência em espaços ao ar livre, preferencialmente, com um significativo conjunto de elementos naturais. O pátio da escola e seu entorno são um bom ponto de partida e, às vezes, são espaços riquíssimos que podem proporcionar vivências importantes da criança com a natureza. Considera-se como fundamental o olhar e o sentir desses espaços para poder perceber neles as ricas possibilidades de aprendizagem.

No primeiro contato com as crianças, foi realizada uma Roda de Conversa na quadra da escola. A proposta era fazer a leitura do livro (Abra e descubra! A natureza), mas, antes disso, foi feita a seguinte pergunta às crianças: O que é natureza? A maioria definiu a natureza a partir dos seus elementos, como nomes de plantas, de verduras, de frutas e de animais. Poucos alunos incluíram elementos do reino mineral como pedras (rochas), solo e água. Duas crianças, porém, elaboraram suas definições, que foram além do elencar elementos pertencentes ao mundo natural, apontando sentimentos positivos em relação à natureza e a sua importância. Ambas relataram que a natureza é importante para a vida e compartilharam que, em sua moradia, há um amplo espaço com diversidade de elementos naturais. Pelas suas falas foi possível perceber que a família valorizava esse contato. Isso corrobora o estudo de Chawla (2020), em que a autora aponta o importante papel da família, que pode, ou não, favorecer o sentimento de pertencimento e de valorização dos elementos da natureza.

Como atividade final desse encontro, visitou-se uma pequena área dentro da escola, que não é cimentada e que possui uma diversidade de plantas frutíferas (gabiropa, amora, mamão, laranja, pitanga, abacaxi), medicinais (açafraão, alecrim, capim-cidreira, melissa), ornamentais, como a margarida e outras, que não foi possível identificar (Figura 1A).



Figura 1. Etapas da vivência didática. Legenda: A - A descoberta do pé de amora; B - Bonecos e gravetos mágicos; C - Alfabeto da Natureza; D - Entre cores e sabores: vivência com tintas produzidas com pigmentos naturais; E - O laboratório vivo presente na escola; F - A natureza como um espaço para o brincar. Fonte: As autoras (2022).

Ao se adentrar o espaço e explorar esse mundo “desconhecido” dentro da escola, pôde-se perceber o encantamento das crianças pela atividade que, de certa forma, foi o de descoberta. Algumas crianças, ao se depararem com o pé de amora, não hesitaram em se esforçar para pegar e comer as esparsas frutas maduras escondidas entre as folhas; outras também se aventuraram, sem mesmo conhecer direito o que estavam comendo, e algumas, inseguras, perguntavam se podiam comer aquilo. Qual o resultado? Todas as crianças experimentaram, e até os frutos verdes foram degustados. Em outra oportunidade, foram analisadas as características do pé de amora (tronco, folha e fruto), depois foi degustado o seu suco.

Essa vivência remete ao que é defendido por Tiriba e Profice (2019) sobre a importância do bom encontro, que potencializa e que alegra. As crianças revelaram estar bastante envolvidas e, de certa forma, encantadas com aquele espaço pouco explorado na escola. Além do pé de amora, interessaram-se por outras plantas que não conheciam e aventuraram-se a nominar determinadas espécies. Até uma pomba chocando em seu ninho foi encontrada, despertando o interesse de alguns.

Para a outra oficina, as crianças tiveram que coletar gravetos e folhas secas, tarefa com a qual ficaram empolgadas. O encontro foi iniciado com um pequeno relato sobre a vida e a obra do artista Frans Krajcberg, sua poética voltada para a crítica às ações nocivas do homem contra a natureza refletidas em imensas esculturas.

Em posse do material coletado, as crianças construíram gravetos mágicos e bonecos (Figura 1B e C). De forma espontânea, esses brinquedos acompanharam as crianças no horário do intervalo, alguns tinham até nome. Curiosamente, dias depois foi possível perceber que esses objetos ainda estavam presentes nas carteiras e nas mochilas de algumas das crianças, também no intervalo.

Aproveitando as folhas secas coletadas, foi apresentada a artista Susanna Bauer e sua delicada obra com folhas secas de diferentes formas, cheiros, cores e estrutura. Foi muito interessante observar as crianças em contato com esses materiais (Figura 1D e E). De forma intuitiva, observavam, curiosas, suas formas; passavam as mãos delicadamente sobre a folha, sentindo sua textura; outras buscavam sentir seu cheiro ou as quebravam, intencionalmente, buscando perceber sua rigidez. Após essa vivência sensorial, as crianças passaram a explorar as diferentes folhas para construir letras do alfabeto e desenhos inusitados.

A próxima etapa foi a produção de tintas com pigmentos naturais. Visualizaram-se, *in natura*, o hibisco, o café, o açafreão, o solo, as argilas e o colorau (urucum). Conversou-se um pouco sobre cada um deles, estabelecendo relação do seu uso no cotidiano das crianças. As tintas foram produzidas tendo como base somente água. Ao distribuí-las entre os grupos, foi possível perceber certo encantamento com as cores, espontaneamente as crianças buscavam sentir os cheiros e, contrariando a professora, algumas experimentaram os sabores (Figura 1F).

Nesses encontros, pôde-se observar que as crianças, de modo geral, possuem uma curiosidade nata por elementos da natureza e os vivenciam utilizando seus diferentes sentidos: observavam atentamente pequenos detalhes, buscavam sentir os cheiros e as texturas e, até mesmo, experimentavam seus sabores.

[...] é visível a olho nu, nas escolas, nas praças das cidades, em áreas urbanas, praianas, rurais a que as crianças têm acesso: sua atração pelo mundo natural e por seus processos, a busca pela terra, pelas águas, pela areia, pelas árvores, pelo vento, pelas marés... (TIRIBA, PROFICE, 2019, p. 7).

No penúltimo encontro, em posse de uma prancheta, de uma lista de elementos da natureza a serem encontrados e de uma lupa, os grupos de alunos se aventuraram pela área verde da escola, que se transformou em um grande laboratório (Figura 1G e H). De forma desenvolta e sem medo, iam se aventurando no pequeno espaço e, quando elas encontravam algo de interessante ou que estava presente na lista, observavam cada detalhe com a lupa. O tempo passou tão rápido nessa atividade, e alguns grupos não queriam voltar para a sala de aula.

As oficinas foram finalizadas com um dia de brincadeira em uma praça repleta de elementos naturais, próxima à escola. Tal encontro teve a parceria do Movimento dos Escoteiros de Londrina, que, gentilmente, organizou o espaço com atividades de *slackline*, Falsa-Baiana e o Cordão de Ariadne. Todas as atividades foram desafiadoras. No *slackline*, as crianças tinham que caminhar sobre uma tira suspensa e presa entre uma árvore e outra. Na Falsa-Baiana, tiveram que se equilibrar em duas cordas suspensas e presas entre as árvores. Por fim, no Cordão de Ariadne, as crianças tiveram seus olhos vendados e percorreram um trajeto com desafios que as levavam a subir, descer e deslocar-se por

debaixo de alguns obstáculos. A alegria e o contentamento estavam expressamente visíveis a ponto de as professoras da escola que acompanharam as crianças não resistirem e participarem das atividades (Figura 1I e J). Não há dúvidas sobre a potência de vida expressa num bom encontro, que contagia a todos sem distinção.

Essas vivências, tão singulares e possíveis de serem realizadas nas escolas e seus entornos, revelam a importância de promover a conexão da criança com a natureza, a valorização do aprendizado pelos diferentes sentidos (visão, audição, tato e paladar) e do movimento como algo importante para o desenvolvimento da criança e para a promoção do sentimento de pertencimento a esses espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesses poucos encontros, foi possível observar que as crianças amaram participar do projeto, pois era notável o entusiasmo delas nos dias em que havia aula de Educação Ambiental. Elas perguntavam, frequentemente, durante a semana, se era dia de aula com a professora “da natureza”. Algumas crianças deixaram bem claro o gosto pelo tema: “natureza”.

Já na primeira aula do projeto, houve uma aluna que coletou vários elementos da natureza e os levou para a sala de aula. Ela cuidava deles como se fosse algo muito importante. Nesse dia, quando foi solicitado que listassem os elementos da natureza que encontraram na escola, também percebemos que não houve resistência alguma para realizar o que foi pedido, até mesmo por parte daqueles que ainda se encontravam no nível de escrita pré-silábico e que não se identificavam muito com esse tipo de atividade, já que ainda não estabeleciam relações entre letras e sons. Eles realizaram sua escrita espontânea e ilustraram com bastante entusiasmo os elementos da natureza que encontraram. De modo geral, o aprendizado de conteúdos escolares das Ciências, da Arte e da Língua Portuguesa aconteceram de forma fluida, contextualizada e significativa, transdisciplinarmente, a Educação Ambiental esteve presente em todos os encontros.

Certo dia, um aluno coletou uma folha de samambaia e trouxe para a escola para mostrar, pois ele achou muito interessante o que observara em sua casa: na parte de trás das folhas, havia soros, mas ele não sabia do que se tratava e veio mostrar à professora, achando até que fossem ovos de algum inseto. Em todas as aulas, havia crianças que

traziam diferentes tipos de folhas, “pedras” (rochas), casulo de bicho da seda, gravetos e comentavam sobre o que tinham em suas casas ou em seu entorno.

Na aula em que se realizou um trabalho de pintura com elementos da natureza, pôde-se perceber, também, aqueles alunos que possuíam um lado artístico mais a florado, que até então, não havia sido percebido. A atividade foi muito significativa para eles, reveladora de talentos.

Ao final do projeto, pôde-se constatar que os alunos passaram a observar melhor a natureza e a se identificar mais com esse tema, algo que se considera tão importante atualmente, visto que eles serão os adultos do futuro, os quais terão papel fundamental nas ações de conscientização e de cuidado com o meio ambiente.

Quando se mencionou a expressão “escolas mais verdes”, em dos subtítulos deste capítulo, não se estava referindo apenas à inserção e à valorização de elementos naturais no limite territorial das instituições, mas, principalmente, à valorização da importância da conexão da criança com a natureza como promotora da vida, de pertencimento, de alegria e de conhecimento, pois os conteúdos disciplinares estão presentes na vida que acontece além das paredes da sala aula. Esse bom encontro vai além disso. Pois, essa conexão é importante para o bem-estar planetário.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. I. A. (Org). **Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza**. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Alana, 2018.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza: regatando nossas crianças do transtorno de déficit da natureza**. 1.ed. São Paulo: Editora Aquariana, 2016.

TIRIBA, Léa.; PROFICE, Christiana Cabicieri. Crianças da Natureza: vivências, saberes e pertencimento. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 2, e88370, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623688370>. Acessado em: 2 maio 2022.

LYNCH, Kevin. **Growing up in Cities: studies of the spatial environment of adolescence in Cracow, Melbourne, Mexico City, Salta, Toluca and Warszawa**. Cambridge, MA: MIT Press, 1977.

KHAROD, D.; ARREGUÍN-ANDERSON, M. G. From aversion to affinity in a preschooler's relationships with nature. **Ecopsychology**, 10 (4), p. 317-327, 2018. Disponível em:

<https://www.liebertpub.com/doi/epub/10.1089/eco.2018.0044>. Acessado em: 07 set. 2022.

CHAWLA, Louise. Benefits of Nature Contact for Children. **Journal of Planning Literature**, Vol. 30(4), p. 433-452, 2015.

CHAWLA, Louise. Childhood nature connection and constructive hope: a review of research on connecting with nature and coping with environmental loss. **People and Nature**. British Ecological Society, V. 2, p. 619-642, 2020.

TIRIBA, Léa. Prefácio. In: BARROS, M. I. A. (Org). **Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza**. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Alana, 2018.